

O agiota — Composição e desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Vamos esboçar a physiologia de um individuo que os espiritos verdadeiramente rectos não podem encarar nunca a sangue frio, e que já em vida pertence ao dominio legitimo do inferno.

Fallâmos do agiota.

Qual será, porém, o modo e o estilo por que havemos de tratar tão repugnante aborto moral, e, quasi sempre, physico tambem, da creação divina?

Pelo ridiculo?

Não é facil; porque este mesmo, com ser assaz destemido, empallidece e recúa ao dar de frente com um homem que, ultrapassando a ferocidade do tigre, vive a devorar exclusivamente o seu similhante, comprazendo-se em lhe saborear as lagrimas do infortunio, com o mais inconcebivel socego de alma e coração.

Apertados pelas contracções febris da indignação que o monstro instantaneamente accende nos que não tem, como elle, os sentimentos corruptos pelo sopro da desmoralisação e do demonio, os labios não podem sustentar por muito tempo o riso, infinitamente fraco para luctar com os estimulos dos corações animados pelo impulso da santa virtude da humanidade.

Pelo desprezo?

Tão pouco.

Quem viu impassivel a peste ceifando dia e noite centenares de vidas nas povoações em que vive? Quem pôde supportar tranquillo o olhar scintillante e fulminador do soberbo e feroz leão?

O proprio Julio Gerard, embora se fie na sua admiravel destreza de atirador, na audacia da sua coragem, e zombe do perigo, sente evaporar-se, n'um só instante, todo o gêlo de que o frio da noite lhe revestiu o corpo, ao calor ardente da febre que o assalta quando o rei supremo dos desertos africanos lhe apparece.

Nem por um nem por outro. Só molhando a penna em fel, porque a luz e as côres alegres não dão o relêvo de taes aberrações, que unicamente se pintam com os lugubres reflexos das noites tenebrosas, onde então avultam, ao lado das rapinantes que devoram os ninhos das aves innocentes.

Se ha um individuo, ao nivel de cuja vida distinctamente appareçam em negro, mas em alto relevo, os vicios radicaes da construcção social e da desmoralisação dos estados, é o agiota.

Tolerado pelo cynismo das actuaes gerações, fatalmente considerado como uma necessidade, a ponto de ser protegido pelas leis; não carecendo, portanto, de ir, como o salteador, buscar a segurança individual no labyrintho das florestas e cordilheiras, o agiota nasce espontaneo, descoberto, e annunciando-se no coração das proprias cidades!

Abandonado, porém, de Deus, que lhe imprimiu logo na fronte o sêllo da reprovação, o demonio, em quanto não póde lançal-o nas chammas, aproveitando-o para instrumento de malignidade n'este mundo, condemnou-o a viver da miseria e das lagrimas d'aquelles que, pela sua resignação e martyrio, lhe não pertencem, e hão de entrar no gozo da gloria celeste.

Ignora-se qual seja a sociedade onde haja um individuo que menos possa dizer — «vivo do meu trabalho» — nem sequer — «vivo do meu dinheiro» — porque, não sendo dado á inercia mover-se, nem, em boa moral, chamar-se propriedade ao roubo, ainda quando legalisado e offerecido pela propria victima, o agiota não trabalha, nem tem dinheiro seu.

Á similhança da nojenta e ardilosa aranha, que espreita vigilante o momento em que a preza lhe cáe na têa que urdíra em volta do aranhol, o monstro espera no seu antro, de braços cruzados, que o desafortunado proletario, impellido pela necessidade, lhe vá offerecer o sangue por alguns reaes, e depois responde aos que lhe lançam em rosto a usura e a covardia, que o não chamou nem obrigou.

É exactamente a resposta que o tigre daria, se fallasse, a quem lhe exprobrasse a ferocidade com que devora as victimas que lhe chegam ao alcance.

Vasio de faculdades intellectuaes e de aptidão dynamica, tendo uma alma litteralmente arithmetica, um coração de ferro, e sendo covarde de mais para affrontar as correcções da justiça, o agiota reconheceu que só estava habilitado para um commercio tolerado, cujo interesse lhe fosse bater á porta.

E, comtudo, não vendo a desprezivel humildade, e o profundo odioso de taes condições e trafico, é mais orgulhoso que o imperador da Russia; e baldados seriam todos os esforços para o convencer de que não ha no mundo ninguem mais rasteiro nem escravo do que elle.

O agiota abre a sua carreira com algumas moedas, apenas, e, muitas vezes, com alguns tostões. Não o dirieis, e menos concebeis como tão insignificante quantia possa dar origem ao milhão. Pois vós mesmos rasgareis o segredo do apparente milagre.

Supponde que pretendeis ser agiota, e que todo o vosso cabedal se reduz a seis tostões. Não vos assusteis com a insignificancia da quantia. Mettei-a na algibeira, saí, ide para os pateos da Boa-Hora, e attentae vigilante.

Alli desce a escada um individuo mal trajado, com ares de quem precisa de dinheiro com urgencia. Mettei depressa a mão na algibeira, fazei tinir o vosso dinheiro, virae-lhe as costas sem mudardes de logar, e esperae.

D'ahi a dois minutos tendel-o a tocar-vos no hombro e a pedir-vos, desfazendo-se em mil cortezias, o grande favor de lhe emprestar doze vintens, para mandar fazer um requerimento inesperado e momentoso. Não receeis da franqueza. Estaes á bocca da mina que procuraes. Fazei uma d'essas caretas que exprimem indifferença e enfado; ponde os olhos no chão; fingi que meditaes; depois, abotoando as algibeiras onde já mostrastes haver dinheiro, e como querendo retirar-vos, perguntae-lhe, sem apparencias de interesse, quanto vale o juro, quando paga, e que seguranças dá.

O pobre homem, a quem o tempo parece voar, e cuja causa póde perigar por um minuto perdido, entrega-vos um documento importante do seu processo, e deixa o resto ao vosso arbitrio. Lêde, attento e vagaroso, o penhor, sem vos importar com a impaciencia e agonia do padecente. Estas minucias são os apparatos e ceremonial do officio. Depois de vos certificardes bem da authenticidade da coisa, exigi-lhe o dobro de juro e a condição de vos pagar no dia immediato. Podeis ter a certeza de que não vos regateará o preço do emprestimo. Dito e feito; passadas vinte e quatro horas, tereis na vossa algibeira mil e oitenta réis, isto é, mais quatro centos e oitenta, que vos caíram nas mãos, sem fadiga do corpo, nem lucubrações do espirito.

Não conteis o negocio, porque podeis achar alguem que vol-o taxe de immoral, e isso desanimar-vos. Calae-vos. No dia seguinte comei dos seis tostões, ou, melhor, se facil vos for, do jantar de algum amigo, e guardae a importancia total para novos emprestimos. Seguindo sempre esta pratica, podeis contar que no fim de um mez possuís, já livre, um capitalinho com que podeis estabelecer-vos no Terreiro do Paço, praça do commercio... para os agiotas. Não lhe olheis para a grandeza. Supponhâmos que conseguistes juntar doze mil réis. Não é isto difficil, se fostes diariamente tão feliz como no primeiro ensaio. Tendes com que comprar dois recibos do mesmo valor, que, muitas vezes, cobraes no outro dia, se foram, caso frequente é de facil explicação, rebatidos para acudir a algum apuro, similhante, em urgencia, ao do homem da Boa-Hora, que tão *boa* na verdade correu para vós, e continuará a correr em o novo posto.

Ora, não concebeis agora como, apenas com alguns tostões, podeis desenvolver e elevar a vossa industria rapinante á altura colossal? Bem vêdes que não fomos exaggerados. Muitos outros variadissimos modos ha de principiar, mas vendo-vos mui pouco contente já do que vos fizemos representar, deixâmol-os em branco. Tranquillisae-vos, que foi hypothese!

Quando o agiota possue já um capital de certo alcance e está propagado, mette-se em casa, e espera socegado as suas victimas. É n'este grau, na sua classe correspondente ao posto de major, que a nossa admiravel gravura, desempenhada pelo distincto gravador o sr. Pedroso, o representa.

Logo á primeira vista se distingue no quadro o personagem que nos occupa. Não se póde confundir. Até o individuo que lhe desconhecesse a apparencia, os modos e a simplificada ferramenta, apontaria immediatamente para aquelle que, embrulhado n'um comprido casacão, de alta cabelleira encarapinhada, rareada suissa, nariz de cavalete e oculos azues dobrados, talvez para lhe encobrir algum defeito dos olhos, que em geral são tão vesgos como os da alma, está sentado em vasta cadeira de braços, analysando, com todo o vagar e attenção, uns recibos dos ordenados d'aquelle pobre empregado publico, de casaca e collete branco, que pelos dedos tenta resolver o modo difficil por que ha de fazer chegar, não obstante ser celibatario, até nova habitação, os escassos tostões que o agiota lhe offerece, ainda assim como por favor!

Ao lado do primeiro padecente vê-se outro, empregado publico tambem, desgraçado chefe de familia, a quem o triste aspecto e dor da miseria domestica e dos trabalhos, mais do que os annos, ainda não muitos, encaneceu e rareou os cabellos. Com a esperança já crestada pelo sopro de um permanente infortunio, o infeliz parece alheio a tudo que alli o rodeia, e pensar sómente na sorte dos filhos, que d'elle não herdarão mais do que um nome honrado, n'este mundo de tão poucas garantias.

Proximo da porta, uma velha, viuva, não vendo por onde haja com que desempenhar aquelle cordão, malfadado fructo de tantas economias e seu ultimo recurso, consulta, comsigo mesma, se mais acertado será antes vendel-o que empenhal-o.

Quando as logradas victimas sairem a porta do agiota, este tem ganho em meia hora o salario de alguns mezes de trabalho alheio, que cada uma d'ellas perdeu em dez minutos!

Os philosophos que negaram a immortalidade da alma, não conheceram o agiota, cuja existencia basta para incisivamente a demonstrar. Com effeito, repugna a toda a concepção que podêmos fazer da justiça, o acreditarmos, ou suppormos sequer, que um homem que passa a vida inteira sem privações e cercado de oiro, trabalhado com as lagrimas e agonias da desgraça, acabe de todo sem ter o castigo que suas crueis acções legitimamente reclamam!

O agiota é um ser de cujo peito trasbordam os instinctos malignos, e onde, nem mesmo em germe, existe um só bom sentimento. Os ingratos tem na vida frequentes horas de doloroso arrependimento. O assassino vacilla algumas vezes em commetter o crime, treme sempre quando empunha o ferro, quasi

que fecha os olhos quando despede o golpe, e rara é a noite em que o somno não lhe seja perturbado pelas visões horriveis do remorso. Aos traidores sobe-lhes ás faces o rubor da vergonha e da humilhação quando se vêem descobertos. Uns e outros acabam contritos na hora do passamento. Mas o agiota atravessa a vida escandalosa sem nunca sentir a responsabilidade enorme que pésa sobre elle, e morre não se lembrando senão de si, com o espirito mortificado, apenas, pela saudade material da vida e do seu oiro.

Assim como é mau homem, mau cidadão, mau amigo, mau negociante, o agiota é, quando casado, o mais perigoso chefe de familia, e immoral exemplo de educador. Perigoso chefe de familia porque, crescendo-lhe as necessidades, e tratando de accumular fortuna, multiplica e afia, então, as unhas da sua usura. Immoral exemplo de educador, porque escarnecendo da pobreza, que olha com profundo desprezo, definindo o infortunio pela maior das vergonhas, e tendo horror á humildade, educa os filhos segundo os seus inqualificaveis e monstruosos sentimentos.

E não obstante, caso verdadeiramente assombroso! o agiota é, quando chega a millionario, na actual organisação dos estados, o pharol que salva os navegantes politicos dos escolhos da administração publica; a unica alma que aviventa ainda a intelligencia exhaurida dos financeiros; a moleta predilecta da coxa sagacidade dos ministerios; o calmante heroico das crises mais apuradas; o providente maná que alimenta o genio da governação no deserto para onde foi tomar ares, e dar eterno repouso ao pensamento já fatigado das lucubrações, suspirando pelo ponto... final.

Mas esta categoria, a mais voraz de todas as especies agioticas, ainda não avultou entre nós, o que fôra para admirar, se não vivessemos n'um paiz onde a confiança politica, arteria capital da economia das nações, é uma planta estranha que, ha um seculo, se nega á aclimação, por mais que de mez em mez se experimentem novos estrumes e varie a hora da rega!

Abundam, porém, lá fóra; principiam a nascer por cá; e de uns e outros temos sido profundamente sangrados.

Quando o agiota está no caso de assumir aquellas gigantes proporções, toma o nome, já com perfumes aristocraticos, de banqueiro, e sáe do seu obscuro escriptorio para entrar no grande theatro tragicomico, das sortes politicas, onde, com o tacto agudo dos instinctos naturaes, desempenha, impune, o papel arriscado de primeiro tyranno.

Então este vermesinho intestinal da sociedade attinge o seu maximo desenvolvimento, e multiplica as nunca saciadas mandibulas pelo numero dos cidadãos.

As modificações apparentes que se operam no trato do banqueiro, contrastando calculadamente com a fraqueza selvagem do agiota particular, são dignas da analyse do philosopho, porque n'ellas está explicada a tristissima historia moral da humanidade.

O banqueiro não entra no grande mundo do commercio politico, sem se embuçar na capa da hypocrisia; sem revestir a sua natureza, que conserva intacta, de côres fragrantes e attractivas; sem disfarçar as mortaes exhalações do seu veneno com falsos aromas de protecção social; porque, vendo ao seu alcance uma ordem de negocio que tem uma coroa na cabeça, a bolça dos povos nas pontas das bayonetas, o tino dos proprios recursos perdidos, e a opinião publica por principal esteio, conhece logo até que altura póde elevar o seu throno de oiro, e nobilitar o nome odioso, se julgar bem com as fecundas conveniencias, tão prodigas para quem possue o cubiçado bezerro, e conseguir pôr na vanguarda das suas operações essa innocente quanto mallograda opinião publica.

Como a imprensa é o telegrapho eletrico dos factos genuinos ou alterados; como ha jornaes que se vendem e outros que transcrevem; como os povos não cultivam a sciencia de adivinhar o trabalho intimo das acções; como fascinados pelas galas seductoras de que a cabeça dos sugadores apparece revestida, não reparam na lança afiada que os monstros trazem na cauda; como se assimilham, pelos effeitos, a esses heroes que, profundamente absorvidos na meditação de grandes emprezas, entraram no outro mundo sem presentirem a foice da morte a cortar-lhes as raizes da vida; como o homem que lhes solta as mãos para lhes prender os pés, que lhes offerece um vintem para lhes tirar um milhão, que lhes dá hoje o braço para ámanhã os desconhecer e salpicar de lodo com as rodas da carruagem de visconde, lhes escapa completamente, o problema resolve-se no tempo, apenas, que uma folha politica leva a compor e estampar, isto é, em vinte e quatro horas.

Um dia apparece n'um jornal mais lido da capital a seguinte noticia:

«*Rasgo de humanidade*. — O sr. F. lendo na nossa folha de hontem a triste narração do estado economico em que se achava o moribundo asylo de... correu immediatamente a casa do dignissimo thesoureiro d'aquelle pio estabelecimento, e ahi deixou a valiosa quantia de um conto de réis. Esta acção illustra-o tanto mais, quanto foi espontanea; pelo que o honrado e caridoso capitalista bem merece dos homens e de Deus a gratidão e as bençãos.»

Esta salva estrondosa produz o echo desejado.

No dia immediato todos os jornaes correspondem, sem ninguem reparar que a noticia só tem de verdade o titulo, porque aquelle conto de réis é apenas uma fracção do sangue que o mascarado vampiro sugou pelo *rasgo* que fez, effectivamente, no braço direito da humanidade proletaria; sem notarem que é a joia de entrada para esse grande commercio politico, que mais tarde lhe ha de render milhões de juro, abrir-lhe a porta das camaras, e pôr-lhe na cabeça uma coroa de barão!

Divino Christo! quem diria que a innocente e valiosa caridade que vós prégastes, e com tão milagrosa mão praticastes, confortando o espirito, matando a fome, e curando os padecimentos da humanidade pobre e enferma, havia de servir um dia de mascara á hypocrisia!

O banqueiro principia para a critica, e para a opinião publica, como se tivesse nascido então. O reptil que bebia o sangue das ovelhas morreu, e sobre a sua cova debalde as victimas tentarão denuncial-o, porque a voz da desgraça não tem echo no mundo.

Agora é um d'esses raros caridosos capitalistas que, não sendo avaros, repartem os seus lucros com a pobreza e orphandade. E amanhã?... Será um digno e conveniente representante dos melhoramentos materiaes do paiz; depois a salvação suprema das finanças; no outro dia um visconde com grandeza; e por fim... sempre um agiota!

Leitores: não nos devemos calar sem vos communicar as conclusões que fizemos quando estudámos este usurario. Se não pertenceis á classe haveis de concordar comnosco.

Eil-as aqui:

É mais lisongeiro e nobre acabar pobre por ter sido caridoso, do que rico por ser agiota. As lagrimas do infeliz são as perolas com que Deus orna e enriquece as galas do ceo; a satisfação do agiota é o tição com que o diabo ateia as chammas do inferno.

NOGUEIRA DA SILVA

SUPERSTIÇÕES E ABUSÕES POPULARES

Apesar dos constantes esforços dos ministros do Evangelho, e dos pasmosos descobrimentos da physica e da chimica, por onde se explicam tantos phenomenos que d'antes pareciam realmente coisas sobrenaturaes, está ainda o mundo tão inficionado de abusões e superstições, que, o combatel-as e escarnecel-as, é encargo impreterivel dos jornaes escriptos para o povo, e sobretudo para a mocidade que frequenta as primeiras escholas, qual é este nosso, pela crescente extracção que lhe está dando a patriotica e civilisadora sociedade *Madrépora* do Rio de Janeiro.

A principal abusão, a mais arraigada no povo, entre nós, e tambem em muitas outras nações mais adiantadas, como havemos de mostrar, é a de acreditar em especificos de curandeiros, e crer nas embusteiras que deitam cartas, tiram quebrantos, mau olhado, feitiços e outras que taes sandices que a ignorancia e a malicia inventaram, para roubar astuciosamente os credulos e parvos.

Para extirpar taes abusões impoz a antiga ordenação do reino até pena capital aos que usassem d'ellas. É curiosa, sobre ser a mais completa que conhecemos, a enumeração de todas as superstições e abusões com que se especulava n'aquelles tempos. Vem no liv. v. tit. III intitulado: *Dos feiticeiros.*

«Estabelecemos que toda pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, que de logar sagrado ou não sagrado tomar pedra de ara ou corporaes, ou parte de cada uma d'estas coisas, ou qualquer outra sagrada, para fazer com ella alguma feiticeria, morra morte natural.

E qualquer pessoa que em circulo ou fóra d'elle, ou em encruzilhadas invocar espiritos diabolicos, ou der a alguma pessoa a comer ou a beber qualquer coisa para querer bem ou mal a outrem, ou outrem a ella, morra por isso morte natural. Porém em estes dois casos primeiro que se faça execução nol-a façam saber, para vermos a qualidade da pessoa, e modo em que taes coisas se fizeram, e sobre isso mandarmos o que se deve fazer.

Outrosim não seja alguma pessoa tão ousada que, para adivinhar, lance sortes nem varas para achar thesouro, nem veja em agua, cristal, espelho, espada, ou em outra qualquer coisa luzente, nem em espádoa de carneiro, nem faça para adivinhar figuras ou imagens algumas de metal, nem de qualquer outra coisa, nem trabalhe de adivinhar em cabeça de homem morto ou de qualquer alimaria, nem traga comsigo dente nem baraço de enforcado, nem membro de homem morto, nem faça com cada uma das ditas coisas nem com outra (posto que aqui não seja nomeada) especie alguma de feiticeria, ou para adivinhar ou para fazer damno a alguma pesssoa ou fazenda; nem faça coisa por que uma pessoa queira bem ou mal a outra, nem para ligar homem nem mulher para não poderem juntar-se. E qualquer que as ditas coisas ou cada uma d'ellas fizer, seja publicamente açoitado com baraço e pregão, pela villa ou logar onde tal crime acontecer; e mais seja degradado para sempre para o Brasil.

E por quanto entre a gente rustica se usam muitas abusões, como é passarem doentes por silvão [1], machieiro [2] ou lameira virgem, e assim usam benzer com espada que matou homem, ou que passe o Douro e Minho tres vezes; outros cortam folhas em figueira baforeira, outros cortam cobro [3] em lumiar de porta; outros tem cabeças de saudadores [4] encastoados em oiro, em prata ou em outras coisas; outros apregoam os demoninhados; outros levam as imagens de santos junto da agua, e alli fingem que os querem lançar n'ella, e tomam fiadores que se até certo tempo o dito santo lhes não der agua ou outra coisa que pedem, lançarão a dita imagem na agua; outros revolvem penedos e os lançam na agua para haver chuva; outros lançam joeira; outros dão a comer bolo para saberem parte de algum furto; outros tem mandragora [1] em suas casas, com tenção que por ellas haverão graça com senhores, ou ganho em coisas que tratarem; outros passam agua por cabeça de cão, para conseguir algum proveito.

E porque taes abusões não devemos consentir, defendemos que pessoa alguma não faça as ditas coisas, nem cada uma d'ellas; e qualquer que a fizer, se for peão, seja publicamente açoitado com baraço e pregão pela villa, e mais pague dois mil réis para quem o accusar. E se for escudeiro e d'ahi para cima, seja degradado para Africa por dois annos; e sendo mulher da mesma qualidade, seja degradada tres annos para Castro Marim, e mais pague quatro mil réis para quem a accusar.

E estas mesmas penas haverá qualquer pessoa que disser alguma coisa do que está para vir, dando a entender que lhe foi revelado por Deus, ou por algum santo, ou em visão, sonho ou por qualquer outra maneira.»

Perece-nos que o melhor meio de afugentar similhantes crendeirices, é contar alguns casos em que se mostre bem ao vivo o engano e velhacaria que ha em todas ellas.

Os que hoje vamos referir reunem as duas especies mais communs, curandeiros e feiticeiros. E para que se veja que taes praticas só podiam vir de selvagens, resumiremos os que observou no Brasil o chronista dos padres da Companhia n'aquella nossa antiga provincia, Simão de Vasconcellos, que de mais a mais é auctor classico, pelo que de uma via fazemos dois mandados — historia curiosa e em boa linguagem.

«Os carijós são insignes feiticeiros, e tão admiraveis em seus feitiços, que se d'elles tivessem noticia os auctores que compozeram de feiticerias, sem duvida multiplicariam com estas os seus volumes.

Tres generos ha entre elles de feiticerias; o primeiro (commum tambem a todas as nações do Brasil) é a arte que chamam de «chupar» na fórma seguinte: O que se preza de feiticeiro, para haver de ganhar sua vida e adquirir nome e fama entre os seus, finge que tem virtude de chupar com os beiços, e receber em si, d'esta maneira, todo o mal que um corpo tem. Quando o enfermo se queixa de qualquer doença que seja, chega o feiticeiro, e pergunta-lhe, que parte lhe doe ou tem lesa? Mostrada esta, começa elle a chupar, e a fazer seus esgares, porque leva já debaixo da lingua uma espinha, osso, ou bicho muito feio, que finge tirar do centro do corpo do enfermo, mostrando-o com espanto e grandes visagens, dizendo: *Olhae, como havia de repousar, nem ainda viver, um corpo humano com tal espinha, tal osso, ou tal bicho que lhe estava roendo as entranhas?*

Se o doente era sómente de imaginação, fica melhorado; mas se era doença devéras, com ella fica, como d'antes; mas fica o feiticeiro melhorado com o que lhe dão por sua arte. A este genero de feiticerias chamam *angaiba*.

O segundo genero, mais detestavel, é dos que matam com feitiços, e é da maneira seguinte. Direi primeiro o modo commum e mais ordinario de seu enfeitiçar, e logo direi casos particulares. Tem tra-

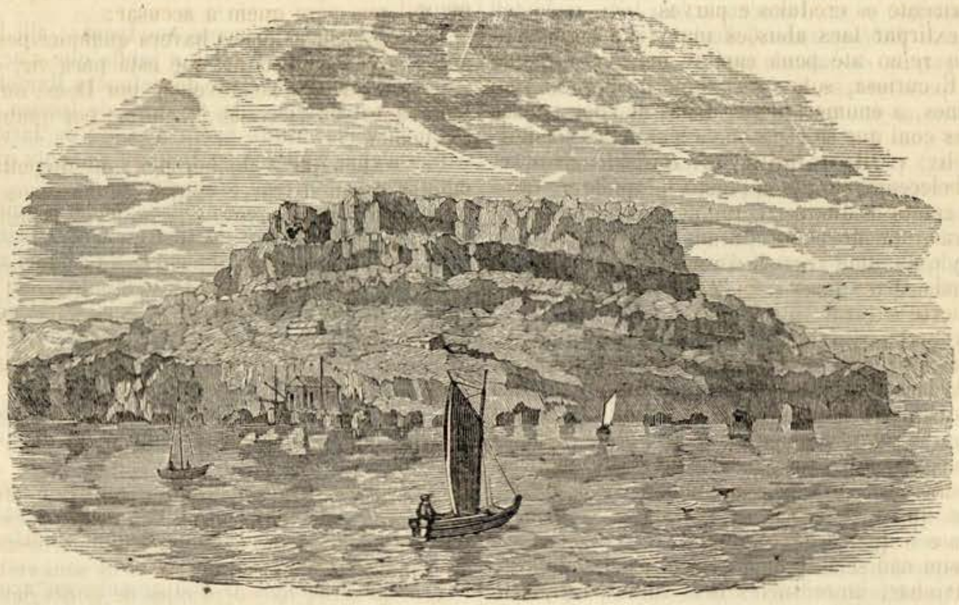
[1] Silva macha.
[2] Sobreiro novo.
[3] Lombo de porto.
[4] Veronicas.

[1] Planta que dá certo fructo narcotico de que usavam os embusteiros, como ainda hoje usam da coca as mulheres crendeiras.

to visivel com o demonio (é a crença erronea d'aquelles selvagens, de que tambem cá participam os que crêem em bruxas) esta casta de feiticeiros, e apparece-lhes este em fórma de um negrinho ethiope, e quando querem fazer feitiços a alguma pessoa, communicam seus intentos com o negrinho; e concordando nos effeitos que pretendem, buscam coisas que tenham alguma similhança e proporção com elles, das quaes houvesse usado d'alguma maneira o que ha de ser enfeitiçado: como, se querem fazer-lhe febre, quenturas, tosses e outros effeitos similhantes, buscam carvões em que haja tocado: se querem atravessal-o com picadas e pontada do corpo, buscam espinhas, ossos e outras coisas agudas em que haja tambem tocado: se querem cegal-o dos olhos, buscam alguma coisa que tenha similhança d'olhos, e assim nas demais.

Concertada, pois, entre elles a casta de mal que desejam fazer, e buscado o instrumento similhante, na fórma dita, faz o negrinho diabolico, em um momento, debaixo da terra, tantas como forminhas de assucar, ou como garrafas de bojo largo, collo e boca estreita, quantos são, mais ou menos, os instrumentos dos males e doenças que desejam fazer n'aquelles logares, onde dorme ou assiste o que ha de padecer. E são estas forminhas ou garrafas tão duras e bem feitas, como se o foram ao tôrno, e cozidas ao fogo. E logo preparados assim estes vasos debaixo da terra, toma o negrinho infernal na mão aquelles instrumentos, carvões, espinhas, ossos, trapos e outras coisas similhantes, e entrega-as nas mãos do feiticeiro, e indo com elle ás covas, faz que os metta repartidamente n'ellas, e logo em um momento as fecha, concertando o chão de tal maneira, como se tal alli se não fizera. E o mesmo é entrarem as taes coisas no bojo das covas, forminhas ou garrafas, que começar a pessoa enfeitiçada a padecer o mal ou os males pretendidos.

Os casos particulares mostram os effeitos e declaram os maleficios. (Continua)



Castle-Reef, na costa do Labrador

OS CORTES REAES E A TERRA DO LABRADOR

Com este mesmo titulo traz o penultimo numero do *Magasin Pittoresque* um artigo acompanhando a estampa que hoje reproduzimos, para lembrar aos presentes, que este castello inglez está levantado nas costas d'aquella peninsula da America septentrional, que descobriu o ousado portuguez Gaspar Corte Real, o primeiro homem que se afoitava, talvez, a fazer uma viagem á roda do mundo.

Posto que o redactor francez preste a devida homenagem a este e outros intrepidos navegantes portuguezes, que tantos descobrimentos fizeram, a quem a civilisação deve tantas conquistas, e o christianismo muitos milhões de almas, commette apesar d'isso grandes erros e omissões, de sorte que só d'elle tomámos o que diz respeito ao estado actual da terra do Labrador.

Sobre a viagem dos Cortes Reaes, publicou o «Panorama» a pag. 10 do vol. III 1839, um artigo onde se corrigem alguns erros que andavam postos em pés de verdade, mas ainda assim é insufficiente.

Posteriormente (em 1854) inseriu o erudito escriptor hespanhol D. Ramon de la Sagra, uma nota a este respeito, não nos lembra em que jornal de Madrid, dizendo que o visconde de Santarem lhe communicára que estava concluindo um longo trabalho para provar a prioridade das viagens dos portuguezes ao polo arctico, e principalmente o descobrimento da terra do Labrador por Gaspar Corte Real. Que tinha colligido muitas cartas antigas onde toda a nomenclatura hydrographica era portugueza. Que os nomes impostos por Corte Real a diversas costas, golphos, estreitos e mares até 72 gráos de latitude boreal, na sua primeira viagem em 1500, acham-se ainda na carta de Abrahão Ortelio, muitos d'elles. Depois é que os inglezes os foram fraudulentamente trocando pelos seus!

Ultimamente o sr. visconde de Sá da Bandeira, grande sabedor das nossas coisas de além mar, mandou para o «Almanack de Lembranças» do sr. Alexandre de Castilho, em 1857, a seguinte nota:

«Na livraria do convento dos Cartuxos da cidade de Evora em Portugal, existe um magnifico Atlas Geographico, composto de um grande numero de cartas. Este Atlas é manuscripto, e foi feito, segundo diz o seu titulo, por Fernão Vaz Dourado, cosmographo portuguez em Goa, em 1572. Lê-se no mesmo Atlas, que pertencêra ao arcebispo de Evora D. Theodosio de Bragança, e que este fizera

d'elle presente á dita cartuxa. Consta que o mesmo Atlas havia pertencido ao cardeal rei D. Henrique. As cartas são illuminadas, e todas as descobertas marcadas com os nomes dados pelos descobridores. Os estabelecimentos portuguezes e castelhanos são respectivamente marcados com as bandeiras illuminadas de Portugal e de Castella. O paiz ao sul da bocca do rio S. Lourenço, na America septentrional, vem notado *Terra dos Cortes Reaes.*

A terra do Labrador vê-se traçada até perto de 70 gráos, e os cabos indicados com nomes castelhanos e portuguezes, sendo portuguez o nome do cabo mais septentrional, a saber, o cabo Branco. No logar occupado pela costa septentrional da Australia, ou Nova Hollanda, vê-se desenhada uma muito extensa costa, com um grande numero de promontorios todos nomeados. Sobre esta costa vê-se o pavilhão de Castella, e abaixo d'ella lê-se o seguinte:

«Esta costa foi descoberta por Fernão de Magalhães, natural portuguez, por ordem do imperador Carlos, no anno de 1520.»

Como o nosso amigo, e infatigavel investigador das coisas patrias, o sr. Innocencio, no tom. II do seu *Diccionario Bibliographico,* declara não ter examinado o *mappa do mundo* que se acha na torre do Tombo, para ver se é este mesmo de Fernão Vaz, escrevemos ao sr. visconde de Sá da Bandeira, para sabermos qual é o que elle menciona ter visto. Porque s. ex.ª partiu para Cintra, não podémas obter ainda a resposta. Como, porém, temos de voltar a este assumpto no seguinte numero, para então reservâmos o que tivermos apurado.

Fallando do estado actual d'aquella peninsula, que hoje pertence á Inglaterra, diz o redactor do «Magasin»:

Ha mais de trinta e seis annos que a commissão da Sociedade geographica escreveu na testada do seu precioso Boletim: Olhae para essa vastissima terra do Labrador, situada nas mesmas latitudes da Gram-Bretanha, mas cujo interior está ermo e despovoado. Será, porventura, grande o dispendio de mandar um viajante europeu á Terra Nova, d'onde facilmente passará ao estabelecimento dos irmãos Moravios em Naïn?

Desde que a benemerita sociedade manifestou este desejo, tem-se feito muitas viagens ao norte da America, mas, ainda mal!, bem pouco se tratou de seguir o conselho d'aquelles sabios geographos.

E, todavia, a nossa mente se transvia em conjecturas, considerando que esta longa peninsula comprehendida entre 50 e 60 gráos de latitude norte, e entre 59 e 80 de longitude oriental, não tem menos de 24:000 legoas quadradas de superficie!

A terra do Labrador, separada do Canadá e da Terra Nova pelo estreito de Belle-Ile, não é sáfara de productos de utilidade, mas o seu aspecto causa mais admiração que prazer. Todo este paiz, cuja concessão de direito reclamava o intrepido Corte Real, se compõe de altas montanhas e valles pedregosos. Ao menos é esta a apparencia que se lhe descobre do litoral. O clima é frigidissimo, e o inverno só acaba no mez de julho. O Mististimy e Kumpi são os seus principaes rios. Mas estas correntes só servem para transportar a pesca e a caça, visto que o terreno rejeita toda a especie de cultura, por em quanto. Produz, comtudo, pinheiros de grande altura, e o descobridor devêra-lhe antes chamar terra do Lenhador que do Labrador.

A povoação indica d'esta peninsula é de côr fula, e compõe-se de chippouans, e para o norte de esquimaes, formando umas 15:000 almas. Os irmãos Moravios fundaram na terra de Labrador tres congregações religiosas — Naïn, Okkak e Hoffenthal. Estas e as cabanas dos pescadores inglezes e americanos que alli fazem a pesca do bacalhau e do salmão, são os unicos estabelecimentos europeus que alli se conhecem.

Quem quizer ter mais amplas noticias d'esta ainda tão desconhecida terra, não obstante estar descoberta ha mais de tres seculos, póde recorrer ao seguinte opusculo: *Description nautique de la côte du Labrador, par Mauduit-Duplessis. Paris.* 1853.

CONTOS DE COR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 207)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

VI

A primavera cobria as Encartações com rico manto verde semeado de flores.

Era tudo gala e alegria. Na vegetação e nas aves; nos campos e nos lares. Tu bem o sabes, meu amor.

Era tudo alegria menos em Ipenza; alli havia só tristeza e solidão. A vida e jubilo que a actividade e o prazenteiro caracter do defuncto Ramon derramavam constantemente no casal de Ipenza, tinham desapparecido. Muito fizera a pobre da Jariega lançando n'elle, á mercê de Deus, a semente que principiava a brotar com tanto viço!

Meio anno havia que tinham voado ao seio do Senhor os proprietarios de Ipenza, Quica primeiro, e Ramon um mez depois, deixando a Catalina um bom dote e o usofructo da casa e fazenda, em quanto seu natural herdeiro não o reclamasse. Desde então a vida de Catalina se passava na tristeza e nas lagrimas que só por instantes conseguiam deter a sua fé christã, e o carinho da boa mulher que a tinha alimentado a seus peitos, e a quem chamára para Ipenza com o fim de servir-lhe no retiro de mãe e companheira.

Santiago não vinha, mas nem sequer respondia ás ternas e tristes cartas em que a pobre rapariga lhe pintava as perpetuas saudades, a sua solidão, e a da casa paterna.

Era um domingo. O ceo amanheceu azul e formoso como os doces olhos da orphã de Ipenza, e o sol appareceu nos altos picos do Oriente mais dourado e vivificador que nunca. Os sinos da egreja parochial apregoavam, repicando á missa, a felicidade e a alegria que reinavam no valle.

Catalina, vestida de lucto, não tão negro e tão triste como o que trazia no coração, desceu á egreja a accender as lampadas, e collocar uma coroa de perpetuas na sepultura d'aquelles a quem dera o doce nome de paes.

Rezou chegada ao pé d'aquella sepultura, e terminada a missa tornou a tomar o caminho de Ipenza.

Quasi repentinamente appareceu na costa uma tenue neblina.

Esta humida neblina foi avançando, e ao chegar Catalina a Ipenza, cobria já todas as Encartações, desde os cumes de Soba até aos de Oquendo, e desde o conico pico volcanico de Sorantes até ao de Colisa.

O sol occultou-se completamente, e á manhã esplendida do sul succedeu a tarde nebulosa do septentrião. Todavia, o coração de Catalina estava alegre, e pulsava como se uma fagueira esperança o agitasse.

A noite avançou cada vez mais chuvosa e escura, e as moradoras de Ipenza, depois da reza, iam a deitar-se, quando Navarro, que dormia no forno, saltou rosnando, e principiou a ladrar atravessando

o nogueiral em direcção da estrada que descia para o valle.

Catalina suppoz que o que tirava o cão Navarro da sua casinha, ou antes do seu forno, seria alguma partida de contrabandistas, e chegou a uma janella que dava sobre a entrada.

Na estrada ouvia-se o tropel de cavallos, tropel que cada vez se aproximava mais, e Navarro deixára de ladrar.

— Não são contrabandistas, que os contrabandistas d'aqui não confiam, a pernas alheias, nem as suas pessoas nem os seus fardos.

Os cavalleiros aproximavam-se da propriedade.

— Abre, Jariega! — disse uma voz cançada, que nem Catalina nem a ama conheceram, mas que resoou profundamente no coração da primeira.

Os desconhecidos estavam já á porta.

— Quem são os senhores? — perguntou a ama deitando a candeia fóra da janella.

— Abra, ama ou Satanaz! disse a mesma voz no peior tom do mundo.

A luz da candeia offereceu aos olhos attonitos de Catalina e da ama este quadro:

Um arrieiro que conduzia pelo cabresto quatro muares carregadas de bahus e malas, e um velho (tal parecia pelo menos) montado n'outra muar, ao lado da qual dava saltos de alegria o Navarro, querendo acariciar o cavalleiro.

Catalina e a ama, a quem havia assaltado a lisonjeira suspeita de que fosse Santiago o que tão familiar e imperiosamente lhes dirigíra a palavra, posto que a voz lhes era desconhecida, perderam toda a esperança vendo o que cavalgava na muar dianteira; aquelle homem em nada se parecia com Santiago, ainda pensando que os annos deviam tel-o desfigurado. O cabello principiava-lhe a branquear, os olhos tinham-se-lhe encovado; amarello e emmagrecido o rosto, descarnadas as mãos, e as espadoas encurvadas. Santiago, que só contava vinte e seis annos, e que ao partir de Ipenza era o rival mais temido e agil dos rapazes do districto; Santiago, que já aos quinze annos era por sua galhardia e formosura o enlevo das raparigas do concelho, Santiago não podia trocar-se em onze annos por aquelle homem velho e valetudinario.

— Quem são os senhores? — perguntou Catalina, morta de medo e desanimo. — E o desconhecido exclamou cada vez mais irritado:

— Abre, Jariega, com um milhão de demonios, antes que metta a porta dentro! Era este o recebimento que me promettias, dando-me a noticia da morte de meus paes?

— É elle!... é elle... — gritaram as duas mulheres, e lançaram-se para a porta do pateo.

No entretanto, Santiago desmontava-se ajudado pelo arrieiro.

Navarro aproximou-se d'elle para lhe fazer mais caricias, porém o dono repelliu-o brutalmente.

Santiago murmurava com desesperação:

— Morta!... morta para sempre a minha alma!... Nada... completa indifferença, enfado, cansaço da vida ao desembarcar em Biscaia... ao entrar no valle onde nasci... ao chamar á porta de meus paes... ao ouvir a voz da companheira da minha meninice!...

Catalina, seguida da ama, precipitou-se ao caminho, e ia lançar-se aos braços de Santiago; porém este, longe de os abrir, contentou-se com murmurar friamente:

— O Jariega, pensava que não vinham esta noite.

Esta indifferença feriu no coração a pobre de Catalina, e este nome recordou á delicada orphã, que era miseravel exposta que devia á caridade a vida, o pão que a alimentava, e o tecto que a protegia. O *tu* que ia pronunciar; o tu, dulcissimo pronome do amor e da amizade, como lhe chama o cantor dos *Martyres*, o *tu* suspendeu-se nos immaculados labios da virgem de Ipenza, que o mudou pelo ceremonioso *senhor*, e acompanhou de outro pronome, mais ceremonioso ainda, o nome de Santiago, que tão nobre lhe havia parecido sempre sem anteposição alguma.

— Como está, senhor D. Santiago? — perguntou ao indiatico a donzella com o coração despedaçado.

— *Senhor!* Nunca has de deixar de ser nescia! *Dom!* Nunca se ha de ver livre esta... sincera patria minha de suas estultas preoccupações, de suas ridiculas intumescencias nobiliarias!... Bem hajam os paizes onde todo o mundo descende democraticamente de Adão!... murmurou o indiatico com enfado e desapêgo.

Era tão profunda a dor que sentia Catalina ao encontrar Santiago n'aquelle lamentavel estado, e ao ver-se tratada d'aquelle modo pelo amado companheiro da infancia, a quem o coração chamára e esperára durante onze mortaes annos; era tão aguda a dor que revelava o virginal rosto de Catalina, que Santiago não pôde deixar de arrepender-se da sua indifferença e dureza, e dirigir algumas palavras benevolas á joven, que se commoveu então de alegria.

— Vens doente, Santiago? — perguntou-lhe Catalina com infinita ternura.

— Sim, porque tenho alma e corpo enfermos.

— Que sentes, irmão da minha alma?

— Não sinto nada; e é esse o maior dos meus infortunios.

Catalina não comprehendeu o sentido d'estas palavras.

— Tens frio?

— Tenho gelado o coração.

— Vem, vem para ao pé do lar onde te aquecerás em quanto preparâmos a tua ceia.

Santiago ainda conservava a esperança de convencer-se de que a sua alma estava debilitada e não morta; ainda esperava que o seu coração pulsasse, ao menos desfallecidamente, ao aproximar-se do lar que tanta felicidade devia recordar-lhe. Em breve se lhe desvaneceram todas as esperanças.

Santiago entrou na cozinha; aproximou-se do lar, sentou-se na poltrona onde se sentava seu pae, no banco onde se sentavam elle e Catalina, e até no tamborete onde se sentava sua mãe; porém nada; o seu coração continuava paralysado, frio, indifferente a tudo.

Então o mais profundo abatimento se apoderou de Santiago, sem que toda a sollicitude e toda a ternura de Catalina e da ama bastassem para o arrancar d'esse estado por um instante.

Catalina, que se lembrava muito bem quaes eram os manjares que n'outro tempo mais apraziam a Santiago, improvisou uma appetitosa ceia, que esperava fosse do agrado de seu irmão.

— Vamos, — disse-lhe, — verás que alegremente ceiaremos juntos, tu, a ama e eu. Olha, para que nos recorde esta ceia as de outro tempo, ceiaremos na mesma mesa onde ceiavamos então, e collocal-a-hemos aqui, ao pé do fogo, onde a collocava nossa mãe, que Deus haja, para que não nos separassemos do amor do lume, que é como se dissera do amor da casa... Vamos, já está posta a mesa... Agora, vou de um salto buscar um cangirão de vinho, que o temos muito bom da nossa herdade... Estou certa de que todas estas coisas, por serem de casa, te são um paraiso.

Dizendo e fazendo, Catalina poz com mil primores a mesa, ajudada pela ama; e com effeito, desceu de um salto á adega, e subiu de outro, com um cangirão de espumante vinho.

Catalina sentia, ao fazer tudo isto, a santa alegria que sente a terna mãe, quando prepara, em toda a manhã, um manjar delicado, que julga ha de encher de satisfação o filho estremecido de suas entranhas; e quando Santiago, que se havia sentado á mesa, esperando ainda que o estomago não repelliria os manjares e o vinho da casa paterna, quando Santiago retirou dos labios, com repugnancia, a vianda e o copo que a joven lhe servira, Catalina sentiu uma angustia similhante á que sentiria aquella mãe quando o filho dissesse que não gostava, ou que não appetecia o manjar que com tanta sollicitude lhe havia preparado.

Catalina comprehendeu, a final, mais pelo instincto do carinho, do que pelas palavras de Santiago, o mal de que este padecia. Uma alma grosseira e vulgar só teria adivinhado que Santiago perdêra o estomago; porém a alma delicada de Catalina adivinhou que Santiago perdêra o estomago e o coração.

— Catalina, onde morreram nossos paes? — perguntou Santiago.

— No quarto da sala, — respondeu chorando Catalina.

— Pois dispõe que para alli vá, porque alli desejo morrer.

— Irmão queridissimo! .. — exclamou a joven, sem poder completar a phrase, porque a afogavam os soluços.

— Deixa-te de lamentos inuteis, — disse o indiatico tornando a perder a paciencia: — Deixa-te de choros, e dispõe-me o quarto onde falleceram meus paes.

Catalina obedeceu-lhe desfeita em lagrimas.

Santiago subiu, pouco depois, ao quarto onde tinham expirado seus paes, com os olhos seccos e o coração inerte.

— A ultima esperança desvanecida!... — exclamou, e deixou-se cair como morto no leito.

(Continua)

ANTIGUIDADES NACIONAES

Os officios que d'antes andavam embandeirados, tinham privilegios odiosos, e quasi todos elles redundavam em prejuizo dos consumidores; mas pouco a pouco se lhe iam cerceando, e caindo em desuso. Em 1688 fizeram os ourives da prata, ao governo, os dois pedidos que abaixo se mencionam, qual d'elles mais odioso e sordidamente avaro. Mas houve da parte del-rei o bom senso de lh'os indeferir, á vista do seguinte parecer do procurador geral da coroa, que por conter excellente doutrina o apresentâmos aqui como exemplar.

«Dois capitulos querem os supplicantes para o seu compromisso, e d'elles pedem confirmação a S. M. O primeiro é que não seja admittido a aprender officio de ourives da prata, quem tiver defeito no sangue; o segundo, que cada um dos mestres não possa ter mais de dois aprendizes. E começando por este segundo, é sem duvida que se lhes não deve conceder tal confirmação, porque o que convem á republica é que n'ella haja, quanto maior podér ser, quantidade dos artifices, a fim que por este modo estejam os homens occupados, e não vadios, como porque havendo muitos officiaes se farão as obras com mais brevidade, com mais perfeição, e com preço mais accommodado; e é confiança pedir-se ao principe um capitulo prejudicial á republica, e que tem sua especie de monopolio, para que entre poucos esteja abarcada a manufactura, e aos quaes seja preciso dar-se quanto quizerem por qualquer obra. Quanto ao primeiro, é digno de se considerar com muita prudencia o que n'elle se pede, por quanto a faculdade de ensinar e aprender é de direito natural, e a ninguem se deve prohibir, e a razão que n'elle se aponta por fundamento da prohibição, se fôra bastante, é egual em todo o genero das artes mechanicas, porque apenas ha alguma cujos artifices não façam obras para o culto divino.»

A margem d'este parecer está a seguinte cota:

«O desembargo do paço escusou a petição dos ourives»

MAD. DESBORDES-VALMORE

O excellente jornal illustrado de Paris, o *Magasin Pittoresque*, cujo typo adoptámos para este nosso, publicou este anno, no seu almanack, como tributo de homenagem ao sexo feminino, o busto da sua collaboradora, mad. Mercellina Desbordes-Valmore, que tantos romancinhos, poesias e hymnos, pela maior parte destinados para a mocidade escholar, escreveu n'aquelle jornal.



Busto de mad. Desbordes-Valmore

Esta dama, filha de um doirador de Paris, foi a principio cantora da opera comica; mas não se quadrando a vida theatral com a honestidade do seu caracter, deixou a arte do canto para se dedicar á poesia e ao romance, no que mostrou tanto engenho, que viveu sempre da sua penna, até que falleceu em agosto do anno passado, na avançada edade de 72 annos.

Das muitas poesias que dedicou á infancia, e que se decoravam nas escholas e casas de asylo, foi tida como profundamente inspirada pela ternura e pela caridade, a seguinte invocação ao Altissimo a favor dos orphãos desvalidos.

Achâmol-a só comparavel aos hymnos, tão amoraveis como poeticos, do sr. A. F. de Castilho, escriptos para as escholas do seu novo methodo.

Cher petit oreiller, doux et chaud sous ma tête,
Plein de plume choisie, et blanc, et fait pour moi!
Quand on a peur du loup, du vent, de la tempête,
Cher petit oreiller, que je dors bien sur toi!

Beaucoup, beaucoup d'enfants, pauvres et nus, sans mère,
Sans maison, n'ont jamais d'oreiller pour dormir;
Ils ont toujours sommeil. O destinée amère!
Maman, douce maman, cela me fait gémir.

PRIÈRE.

Dieu des enfants, le cœur d'une petite fille,
Plein de prière (écoute!) est ici sous mes mains,
On me parle toujours d'orphelins sans famille:
Dans l'avenir, mon Dieu! ne fais plus d'orphelins!

Laisse descendre au soir un ange qui pardonne,
Pour répondre à des voix que l'on entend gémir;
Mets, sous l'enfant perdu que la mère abandonne,
Un petit oreiller qui le fera dormir!

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.